



5513 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

A segundaPRETA: movimento negro artístico em Belo Horizonte
Ana Carolina Martins Lopes - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

A segundaPRETA: movimento negro artístico em Belo Horizonte

RESUMO

Este trabalho apresenta a segundaPRETA na articulação de saberes cênicos, políticos e estéticos corpóreos na cidade de Belo Horizonte, em um movimento que congrega artistas negros e negras. Com uma formação complexa e dinâmica, a segundaPRETA surge em 2017 com a perspectiva de ser um espaço para apresentação, criação e encontro de artistas negros e negras. Desde o surgimento do Teatro Experimental do Negro em 1944, não se sabe de outro movimento que se articule a partir da arte cênica negra como meio de tensionamento social. O debate sobre o racismo estrutural afeta produtivamente as estruturas deste movimento, pois a equipe é composta por sujeitos negros que de diversas trajetórias e a criação deste movimento tem em si a articulação e criação de diversos saberes destes e por estes sujeitos. Seria a segundaPRETA um movimento negro do sec. 21? Por se tratar de negros em movimento pela arte, em uma busca de uma arte contra hegemônica, ainda existem resistências no pensamento da possibilidade da arte negra enquanto movimento negro. A abordagem metodológica que conduz essa pesquisa é qualitativa, com realização de etnografia.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro Negro, segundaPRETA, Movimento Negro

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa compreender a segundaPRETA como movimento negro artístico em Belo Horizonte, a partir da perspectiva dos sujeitos que a concebem e a conduzem, a influência desse movimento nas identidades, criações artísticas desses sujeitos e atuação política.

A realização dessa pesquisa é justificada pelo entendimento da criação de um movimento negro artístico que se afirma como possibilidade, quase 80 anos depois da criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) que tem como principal fundador Abdias Nascimento e demonstra ser um espaço grande de tempo de surgimento de movimentos que articulem a partir da arte as perspectivas raciais como atuação política. A criação do TEN surge por uma constatação da ausência de personagens e atores negros desenvolvendo papéis que não fosse de baixo prestígio social ou ainda, a invisibilidade de atores negros quando havia personagens negros nas dramaturgias; em muitos casos utilizava-se de "Black Face" (NASCIMENTO, 2004) e essa prática foi uma das motivações de Abdias Nascimento a querer fazer um teatro que tinha como um dos objetivos "erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquiado de preto, norma tradicional quando personagem negra exigia qualidade dramática de intérprete; tornar impossível o costume de usar o ator negro em papéis grotescos ou estereotipados," (NASCIMENTO, 2017. p. 161) O TEN além da ação com o teatro, se articulava com a alfabetização de seus membros e atuação política como criação de partido.

No período entre a criação do TEN e a criação da segundaPRETA há surgimento de vários grupos de teatro negro pelo Brasil, mas não há registros de movimentos similares que articulem um pensamento de sociedade, expandindo o pensamento em teatro negro, no período entre 1944 a 2017. Ações e as lutas políticas do movimento negro deixaram um legado, semente, que acreditamos ter influenciado no surgimento e pensamento da segundaPRETA como ação política artística na cidade de Belo Horizonte, como o contexto das políticas de ações afirmativas, como a política de reservas de vagas em universidades públicas e cursos técnicos em teatro. O que pode também ter influenciado para o surgimento deste movimento.

Segunda-Feira na tradição afro-brasileira de origem ioruba, como candomblé, é dia de Exú, Orixá responsável pela comunicação "Exu é jogo, é signo, é estrutura. Esse orixá metaforiza a própria encruzilhada semiótica das culturas negras nas Américas" (MARTINS, 1995. p. 56). E o princípio "Exú" motiva o caminho desse movimento e dessa pesquisa. Encruzilhadas de saberes, decisões, caminhos. Sem passar por Exu, nada acontece. Com farofa, dendê, cachaça, cerveja e prosa, em uma segunda-feira, dia 17 de janeiro de 2017, nasce a segundaPRETA, amparada no desejo de alguns atores e atrizes negros e negras em terem possibilidades de conhecer os trabalhos cênicos uns dos outros, terem espaço de criação e apresentação. Estes artistas se reuniram para discutir possibilidades de atuação na cidade de Belo Horizonte, uma vez que as produções de grupos de teatro negro e artistas negros independentes tem pouca circulação na cena belorizontina, pouco acesso aos teatros privados e ainda escassas possibilidades de experimentação cênica para o desenvolvimento de novos trabalhos. A segundaPRETA desde então desenvolve o trabalho que consiste em ser um espaço de "Fabulação e Outra Alegrias" (CadernoPreto1).^[1]

A segundaPRETA tem como principal atividade as temporadas de apresentações que está atualmente em sua 7ª temporada (março/abril 2019), é composta por 6 segundas-feiras que se diversificam entre experimentos cênicos, espetáculos e performances e as "entre-temporadas" que são atividades formativas como exibição de filmes seguido de bate-papo, roda de conversa e etc. A diversidade de linguagem e abordagem artística extrapolam o que até então compreende-se como teatro negro, abrindo campos de pesquisa e discussão sobre os caminhos das artes cênicas negras. Enquanto forma de registro criou-se os cadernosPRETOS que contém textos de apresentação e pensamento sobre este movimento e textos e fotos sobre as apresentações. Com uma conformação complexa e dinâmica, a segundaPRETA, com os objetivos anteriormente elencados, é ao mesmo tempo um movimento político e artístico de construção de espaço que visibilize os artistas negros e negras e as artes negras em Belo Horizonte. É formada por um núcleo que viabiliza a produção das temporadas, dividindo-se na produção do dia que acompanha as pessoas ou grupos que irão se apresentar, uma pessoa na bilheteria, uma na lojinha (com materiais da segundaPRETA) e duas pessoas para condução do debate e escrita sobre as apresentações. Por ter essa formação complexa a segundaPRETA "(...) decide sobre o seu tempo, que é também obra do desejo das pessoas envolvidas no seu fazer acontecer" (cadernoPreto2), trazendo uma dinâmica

complexa de presenças e ausências.

A partir dessas elucidações trazemos como questão: Seria a segundaPRETA um movimento negro do século XXI? Considerando a abordagem de Nilma Lino Gomes (2017) em sua obra *O Movimento Negro Educador*, onde são destacados a articulação de saberes “políticos sociais, estético-corpóreos e identitários”, entendemos que, para o acontecimento da segundaPRETA é necessária a articulação destes saberes que, na ótica da autora, operam juntos. Entendendo movimento negro como um “ator político transformador” (GOMES, 2017) indaga-se: o que a segundaPRETA elabora no campo das artes cênicas, na sociedade e nos indivíduos de transformação, educação e reeducação?

OBJETIVO GERAL

- Analisar a segundaPRETA como movimento negro artístico construído e conduzido por artistas negros e negras na cidade de Belo Horizonte.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender a segundaPRETA a partir da interpretação das artistas negras e negros que a concebem e conduzem;
- Conhecer o impacto da segundaPRETA nas trajetórias pessoais e na construção da identidade negra das artistas negras e negros que a protagonizam;
- Entender como o artístico pode atuar como ação política no contexto da luta antirracista;
- Entender se a conexão do campo das artes, da política e da raça possibilita a reinvenção das formas de fazer e produzir arte;
- Analisar as produções gráficas, os cadernos Pretos, criados nas temporadas;
- Identificar as influências do movimento negro para o surgimento da segundaPRETA.

METODOLOGIA

Esta pesquisa terá como aporte metodológico a etnografia. Compreendendo que a etnografia para além do olhar, é viver e estar, interagir, reagir, é relacionar-se. A escolha pela etnografia está na compreensão que, para o alcance dos objetivos elencados neste projeto se faz necessária uma presença e escuta apurada em campo e ainda que,

(...) praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”. (GEERTZ, 2008, p.4)

Para este trabalho, praticar a etnografia, é abrir meu olhar para além do que eu já enxergo nas relações que estabeleço dentro desse movimento, o esforço de uma descrição densa dos acontecimentos neste espaço é partir do pressuposto que desconheço as “piscadelas” (Geertz, 2008), os códigos estabelecidos ali, mas também não fugir do meu pertencimento a este espaço, e descrever densamente inclusive os códigos que são estabelecidos e conhecidos por mim. A etnografia será importante na apreensão de detalhes e significados atribuídos pelas pessoas que constroem e conduzem o movimento, para entender como as relações são construídas e estabelecidas, quais interesses que são empregados por cada um/uma e entender qual é a importância dessas questões dentro dos acontecimentos e do movimento, “o que está sendo transmitido com sua ocorrência e qual a sua agência” (GEERTZ, 1926/2008, p.8). Os procedimentos metodológicos na construção da etnografia serão: observação participante das reuniões, das atividades extras, das temporadas, entre-temporadas, momentos de lazer, encontros, apresentações, entre-temporadas e temporadas. O registro das observações será feito com o uso de diário de campo, uso de fotografias e filmagens das realizações da segundaPRET. Serão realizadas entrevistas com os integrantes que construíram e conduzem a segundaPRETA, para o entendimento do movimento a partir da interpretação desses sujeitos. Para a entrevista serão definidos de 4 a 6 pessoas, tanto homens quanto mulheres, segundo alguns critérios, como: presença nas reuniões, liderança nas atividades realizadas segundo os critérios estabelecidos pelo próprio movimento em decisões coletivas, trânsito entre a segundaPRETA e outros grupos e movimento negro em Belo Horizonte. Também será realizada análise documental das produções gráficas dos cadernos e críticas, e da apreciação dos espetáculos. Pretende-se com isso entender de que forma a organização da segundaPRETA e as reflexões produzidas ali contribuem para reinvenção de formas de fazer e produzir arte e se o pensamento antirracista está vinculado necessariamente as práticas cênicas que ocorrem neste movimento.

BIBLIOGRAFIA

CADERNOPRETO. segundaPRETA, Belo Horizonte, 2017

CADERNOPRETO 2. segundaPRETA, Belo Horizonte, 2017

GEERTZ, Clifford, 1926- A interpretação das Culturas- 1ed., 13.reimpr.-Rio de Janeiro: LTC

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação- Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

GROSSI, Miriam Pillar. Trabalho de Campo e Subjetividade. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 1992.

MARTINS, Leda Maria. A cena em sombras- São Paulo: Perspectiva, 1995

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: Trajetórias e reflexões. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a19v1850.pdf> > Acesso em 11/04/2019

NASCIMENTO, Abdias. 1914-2011. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado/- Ireimpr.da 2.ed.- São Paulo: Perspectiva, 2017

^[1] Disponível em <http://segundapreta.com/cadernos/> acesso 11/04/2019, as 19h04